

12-2007

## A missão da Guiné: uma experiência-fonte da Missão Espiritana

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

(2007). A missão da Guiné: uma experiência-fonte da Missão Espiritana. *Missão Espiritana*, 12 (12). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol12/iss12/13>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

## II. A Missão da Guiné: uma experiência fonte da Missão Espiritana

A missão da Guiné foi a primeira experiência comunitária da missão dos filhos de Libermann. Dos 15 missionários, dez dos quais espiritanos, protagonistas desta missão, quase todos sucumbiram em menos de dois anos, vítimas das febres tropicais. À primeira vista, teria sido um trágico fracasso que ficaria a marcar as origens da missão espiritana. De facto, este acontecimento foi uma provação, mas não uma desilusão. Esta missão acabou por ser uma fonte de inspiração e uma marca de origem, que acabaria por ser uma referência obrigatória para a missão espiritana.

### A missão da Guiné

Depois da supressão da escravatura nos Estados Unidos, alguns filantropos que queriam melhorar a condição dos negros libertos, fundaram a 28 de Dezembro de 1816, em Washington, uma *Sociedade americana de colonização para o estabelecimento de homens livres de cor dos Estados Unidos*, nas suas terras de origem.

Esta sociedade comprometia-se a enviar para aí a população negra, que tendo já obtido a sua emancipação, quisesse emigrar para esta nova colónia. Vários patrões libertaram os seus escravos, com a condição de eles emigrarem para esta colónia.

Para acompanhar esta nova situação a Congregação da Propaganda criou o *Vicariato Apostólico das Duas Guínés e da Senegâmbia*. Guiné era um nome antigo, que significava terra dos negros, "adoptado pelos portugueses quando descobriram aquele território." Este Vicariato compreendia um vasto território que ia do Cabo das Palmas até ao rio Orange, excluindo os territórios de jurisdição portuguesa de Angola e Congo. No litoral desta imensa região havia vários postos ocupados pelos comerciantes das potências coloniais: os ingleses na Serra Leoa, os americanos no Cabo das Palmas e na Libéria e os Franceses em Assinia, Gran-Bassam e Gabão

Como Vigário Apostólico desta circunscrição foi nomeado o P. Eduardo Barron, sacerdote irlandês ao serviço na diocese de Filadélfia, nos Estados Unidos.

Na impossibilidade de obter a colaboração dos missionários Capuchinhos que tinham já evangelizado estas terras, o P. Barron formou a sua equipa com diocesanos e espiritanos. Os diocesanos eram leigos e seminaristas irlandeses e os espiritanos eram os primeiros sete padres acabados de

"A missão da Guiné foi a primeira experiência comunitária da missão dos filhos de Libermann."

"De facto, este acontecimento foi uma provação, mas não uma desilusão."

formar em La Neuville por Libermann e mais três leigos, aranjados à ultima da hora. Era portanto uma equipa muito heterogénea: seculares e religiosos, padres e leigos. Ao todo quinze pessoas.

Depois de várias hesitações e mal entendidos, os missionários acabaram por se estabelecer nas postos franceses de Assinia, Gran Bassam e Gabão.

“Ora estes lugares nada tinham preparado para os receber: nem sequer encontraram um tecto para os abrigarem.”

Ora estes lugares nada tinham preparado para os receber: nem sequer encontraram um tecto para os abrigarem. As primeiras cartas foram escritas sobre os joelhos, por falta de mesa. Pior ainda tinha sido o momento escolhido: a estação das febres ainda não tinha terminado e a drenagem dos pântanos mal tinha começado. Daí que febres tropicais, acen tuadas por um regime alimentar deficiente, depressa comesçassem a fazer vítimas. Em menos de dois anos a maior parte dos missionários tinha falecido e os restantes tinham regressado ao país de origem. Havia apenas dois sobreviventes no Gabão: o P. Remi Bessieux e o Ir. Gregório Sixte.

Por carta de 7 de Agosto de 1844 Mons. Barron dá conta à Propaganda desta situação que, no seu entender, implicava o fim da missão da Guiné. *“Quatro dos nossos missionários morreram. Outros dois, um padre e um Irmão, estavam de tal modo doentes que nem foi possível levá-los até ao barco para regressarem à França. Só me resta um padre, que pensa regressar à Europa, pois é contrário às regras da Congregação estar só e separado dos outros membros do seu instituto. Assim, só resto eu. Assim sendo, suplico a V. Eminência me conceda autorização para regressar à diocese de Mons. Kenrich, bispo de Fidadélfia, nos Estados Unidos da América, com o carácter missionário apostólico”*<sup>1</sup>. De facto, diante desta hecatombe, ele convenceu-se que só uma congregação religiosa poderia assumir esta tarefa.

Noutra carta de 7 de Janeiro de 1845, Barron aponta como solução o plano de Libermann proposto para a evangelização da África Ocidental à Propaganda. *“Desde que os nossos missionários se estabeleceram nas diferentes estações francesas, começaram a ressentir-se das inclemências do clima. No mês de Setembro, já sete tinham morrido. Um outro tomou o caminho da América; o único padre que me restava e dois catequistas embarcaram doentes para a França. Desta maneira a missão ficou sem um padre. Encontrando-me sozinho e na impossibilidade de fazer qualquer bem tomei também a resolução de regressar à Europa.*

*Pelas dificuldades que esta primeira missão encon-*

<sup>1</sup> Carta de 7 de Agosto de 1844. ND V p. 33

*trou, pode-se imaginar quantos obstáculos o estabelecimento da religião na Guiné terá de vencer.*

*O plano proposto a este propósito pelo P. Libermann parece-me ser o único eficaz”.*

Este plano consistia em lançar estruturas que apoiassem a formação do clero local, pois que o clima não permitiria o estabelecimento dos europeus naquelas terras.<sup>2</sup>

Regressado aos Estados Unidos, Mons. Barron recusou o cargo de uma diocese para se consagrar totalmente à obra das missões. A Prefeitura da Guiné vai agora continuar, como de resto era sugestão de Mons. Barron, confiada à Congregação do Espírito Santo.

É curioso que a missão da Guiné vai continuar apesar da retirada de Mons. Barron. A atitude de Mons. Barron é compreensível. Todos os seus missionários de Assinia ou do Gran Bassam estavam mortos ou tinham sido repatriados, à excepção de Bessieux e Grégoire. Mas a verdade é que Bessieux, por mais só que se sentisse de oito cartas que escreveu ainda não tinha obtido resposta - não se retirou.

Mons. Barron era generoso, voluntário para a missão e tinha realmente espírito missionário. À missão sacrificou tudo o que tinha, inclusive o seu estatuto de professor e de candidato ao episcopado. Era um padre diocesano, um intelectual. Professor de teologia tinha passado grande parte da sua vida sacerdotal no ensino. De resto era um anglófono que sempre teve dificuldade em se mover em espaços franceses. Foi sempre mal aceite pelos meios franceses. Mesmo o seu contacto com os missionários nem sempre foi fácil. Muito delicado para com todos tinha dificuldade em tomar decisões.

Para Bessieux, pelo contrário a sua vocação missionária era toda a sua vida. É um religioso observante até ao pormenor. É querido e estimado por todos; humilde, estava à vontade onde quer que se encontrasse. Amava de tal maneira o seu querido Gabão, que sem ele não saberia viver. Daí que nunca pusesse o problema de se retirar. Era outro espírito e outra paixão.

### Uma experiência-fonte da missão espiritana

Este facto, indiscutivelmente um dos mais marcantes da história da missão das origens proporciona-nos uma leitura profundamente inspiradora para a missão espiritana. Efectivamente esta expedição que se processou de maneira tão trágica em vez de ser o fim de um sonho, foi realmente um fermento e um ponto de partida que ficou a marcar profundamente a missão da Congregação.

“Este plano consistia em lançar estruturas que apoiassem a formação do clero local, pois que o clima não permitiria o estabelecimento dos europeus naquelas terras.”

“Este facto, indiscutivelmente um dos mais marcantes da história da missão das origens proporciona-nos uma leitura profundamente inspiradora para a missão espiritana.”

<sup>2</sup> Carta de 7 de Janeiro de 1845. ND V p. 35-39.

“Antes de mais, pela dimensão de fé pascal que ela revelou.”

“Estes missionários morreram vítimas do seu zelo e do seu amor à África.”

“Libermann teria sido infiel se não tivesse aceitado esta missão.”

“Esta missão agora começada, não pode ser abandonada.”

“Estes missionários são as vítimas que o Senhor enviou à Guiné para a salvação deste vasto país.”

“Divino Mestre quis dar à Guiné estes sete missionários, não como seus apóstolos, mas como seus intercessores junto do seu trono da divina misericórdia.””

Antes de mais, pela dimensão de fé pascal que ela revelou. Regnier, o primeiro missionário a sucumbir, no Cabo das Palmas, sentindo-se morrer, escreveu a Libermann, o seu último adeus: *“Diga à minha família e aos meus amigos que me sinto muito feliz por ter deixado tudo por amor do nosso divino Mestre; se tivesse de fazer o mesmo sacrifício, eu o faria ainda mil vezes; por nada deste mundo eu trocaria a minha missão. Coragem, querido padre; quando tudo estiver perdido, Maria se revelará e tudo será salvo”*<sup>3</sup>.

A mesma leitura foi feita por Libermann quando soube da trágica notícia. Conhecemos algumas cartas que ele escreveu nessa altura a Le Vasseur, à Ana Maria Javouhey, à Propagação da Fé e a outros amigos. Destas cartas colhemos as seguintes linhas de força:

- Estes missionários morreram vítimas do seu zelo e do seu amor à África: foi este amor que os não deixou abandonar a sua missão. Apesar de verem a insalubridade do clima, não a quiseram abandonar pois estavam lá por obediência e viam os povos bem dispostos. Quando Libermann soube das primeiras mortes fez todo o possível para os fazer partir, mas as suas cartas nunca chegaram aos destinatários. Para Libermann aqui só pode ter estado o dedo de Deus.

- Libermann teria sido infiel se não tivesse aceitado esta missão. Por isso ela em nada afectou a sua paz interior e a sua confiança em Deus.

- Esta missão agora começada, não pode ser abandonada: seriam milhões de almas que se perderiam para sempre e de que o protestantismo se aproveitaria. Por isso ele continuará a fazer tudo o que puder por este país, a não ser que a vontade de Deus se manifeste de outra maneira. O que fará será tomar todas as providências para que estes factos não se repitam.

- Estes missionários são as vítimas que o Senhor enviou à Guiné para a salvação deste vasto país. Ele imolou-as para a sua glória. Ele são os alicerces, os fundamentos da missão espiritana na África.

- Libermann está convencido que o Divino Mestre quis dar à Guiné estes sete missionários, não como seus apóstolos, mas como seus intercessores junto do seu trono da divina misericórdia”.

Foi neste mesmo espírito que os missionários sobreviventes desta missão receberam a notícia da morte dos confrades:

*“O navio tinha entrado na embocadura do Gabão às dez horas da noite. O comandante por uma delicadeza toda de louvar fez chegar as cartas às 11 horas da noite a Mons.*

<sup>3</sup> nD. V p. 139

*Bessieux, que estava ainda acordado. Este bom padre acordou o seu companheiro e os dois foram para a capela ler as cartas de joelhos diante do Santíssimo Sacramento. Quantas lágrimas então caíram! Eles não tinham recebido nenhuma notícia de França nem da Congregação há já dois anos; pensavam eles que a Sociedade se tinha dissolvido e pelas cartas viram que, pelo contrário, ela estava florescente e que novos confrades vinham em sua ajuda. Puseram-se a cantar o Magnificat em acção de graças. Era meia-noite, pouco importa. Continuaram o resto da noite a trocar impressões sobre estas belas notícias. Pela manhã a missa e a comunhão foram oferecidas em acção de graças”.*

Mas esta experiência abriu também a missão a uma nova política missionária.

Já Mons. Barron tinha sugerido que uma missão com tantos riscos só poderia ter garantias de estabilidade se fosse confiada não a um bispo em particular mas a uma congregação missionária que garantisse a sua continuidade.

O P. Libermann, ao mesmo tempo que confessa a sua confiança em Deus e procura fazer uma leitura de fé deste acontecimento, vai abrindo pistas para que tal não volte a acontecer. E isso só se conseguirá com uma nova política missionária. Ele fala desta política abertamente ao Prefeito da Propaganda, na sua carta de 3 de Novembro de 1844: *“A dolorosa experiência do mau clima que acabamos de fazer em África, juntamente com todos os males de que são vítimas os franceses nos postos que estabeleceram ao longo das costas da África demonstra claramente que não é enviando directamente missionários europeus para estas regiões tão inóspitas, que a sua salvação deve ser procurada”*.

Para Libermann esta política consistia na promoção das pessoas em vista da formação de um clero indígena e de uma igreja local. Os missionários estrangeiros teriam sempre dificuldade em evangelizar a África. Começar-se-ia pela educação e formação dos jovens. Criar escolas e oficinas de artes e ofícios e a partir daí seleccionar os mais aptos para a vida sacerdotal e enviá-los para a Europa a fim de aqui os preparar para o sacerdócio. Efectivamente só a promoção do clero indígena seria a solução para a missão da África. E Libermann desenvolve largamente todos os pormenores deste projecto.

Este primeiro esboço estará na origem de um famoso *“Memorial sobre as missões dos negros em geral e sobre as da*

“Mas esta experiência abriu também a missão a uma nova política missionária.”

“Para Libermann esta política consistia na promoção das pessoas em vista da formação de um clero indígena e de uma igreja local.”

<sup>4</sup> *Notes du Frère Pierre Mercy sur le Frère Grégoire.* ND V p. 333

<sup>5</sup> *Carta à Propaganda de 5 de Novembro de 1844* ND V p. 392

<sup>6</sup> ND VIII p. 222 e sts.

“o desastre da Guiné abriu o caminho a toda uma nova estratégia missionária que marcaria o século XIX.”

*Guiné em particular*”, apresentado por Liberamnn à Sagrada Congregação da Propagação da Fé em 1846, que constitui um dos marcos mais memoráveis da política missionária.

Daqui se conclui que efectivamente o desastre da Guiné abriu o caminho a toda uma nova estratégia missionária que marcaria o século XIX.

T. Neiva